

## A ESCRAVIDÃO E O TRABALHO LIVRE EM MACHADO DE ASSIS\*

*Lupércio Antônio Pereira \*\**

---

**Resumo.** O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão sobre a maneira como a questão da escravidão/abolição aparece na obra de Machado de Assis. Num primeiro momento, far-se-se-á uma catalogação e uma exposição ilustrativa dos registros encontrados sobre este tema nos romances, contos e crônicas machadianos. Num segundo momento, far-se-á o apontamento de algumas hipóteses explicativas para o relativo distanciamento de Machado em relação à escravidão e ao movimento abolicionista.

**Palavras-chave:** Machado de Assis; Escravidão; Abolição; Trabalho livre.

## SLAVERY AND FREE WORK IN MACHADO DE ASSIS

**Abstract.** The objective of this work is to reflect on how the issue of slavery/abolition appears in the works of Machado de Assis. First, the records found on this theme in his novels, short stories and chronicles will be catalogued and displayed. Next, some explanatory hypotheses will be presented for the relative distancing of Machado from slavery and the abolitionist movement.

**Keywords:** Machado de Assis; Slavery; Abolition; Free work.

## LA ESCLAVITUD Y EL TRABAJO LIBRE EN MACHADO DE ASSIS

**Resumen.** El objetivo de este trabajo es reflexionar sobre la manera en cómo aparece la cuestión de la esclavitud-abolición en la obra de Machado de Assis. En un primer momento, se hará una catalogación y una exposición ilustrativa de los registros encontrados sobre este tema en los romances, cuentos y crónicas de Machado de Assis. En segundo lugar, se hará un apuntamiento de algunas hipótesis explicativas sobre el relativo distanciamiento del autor frente a la esclavitud y el movimiento abolicionista.

**Palabras Clave:** Machado de Assis; Esclavitud; Abolición; Trabajo libre.

---

\* Artigo recebido em 30 de outubro de 2009 e aprovado em 17 de novembro de 2009.

\*\* Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá.

## INTRODUÇÃO

O estudo da escravidão moderna sempre despertou o interesse dos cientistas sociais no Brasil. Seria ocioso relacionar aqui as centenas de títulos que, publicados ao longo de mais de um século, trataram da escravidão sob as mais diferentes motivações e sob diversas posturas metodológicas.

Isto não é de estranhar, dado que a escravidão está na raiz de nossa formação histórica, sendo, por isso, objeto de interesse não só pelo que representou no passado, mas, sobretudo, pelo legado que nos deixou. Mais de um século após a abolição, esse legado ainda pesa sobre as nossas vidas e a escravidão continua suscitando as mais acaloradas polêmicas. É como se ela fosse um espectro a inquietar constantemente a nossa consciência. Parafraseando Marx, é a sombra dos mortos atormentando os vivos. Tal como um espectro, seus contornos nem sempre são nítidos, daí a razão das controvérsias que marcam a produção historiográfica sobre o nosso passado. Além disso, esse legado tem suas projeções na atualidade, como a polêmica política de quotas raciais para ingresso no serviço público e nas universidades públicas, o estabelecimento de direitos para os remanescentes de comunidades quilombolas, o controverso projeto intitulado Estatuto de Igualdade Racial, recém-aprovado pelo Congresso Nacional, etc. Tudo isso transforma a escravidão num objeto quase inesgotável de estudos que se renovam e se ampliam incessantemente.

Neste artigo pretendemos fazer uma exposição dos resultados parciais de um estudo que fizemos sobre a maneira como a escravidão aparece na obra de Machado de Assis. Para este estágio da pesquisa, tomamos como objeto de análise os romances da maturidade de Machado de Assis — inaugurada em 1880/1881 com a publicação de *Memórias Posturas de Brás Cubas* — e seus contos, crônicas e cartas (sem distinção de fases).

### ESCRavidÃO, UM PANO DE FUNDO NATURALIZADO

Para um leitor que procura nos escritos de Machado de Assis subsídios para compreensão do fenômeno escravidão, a primeira impressão é quase frustrante. As referências a essa realidade histórico-social na obra machadiana são escassas e episódicas.

Como já observou Sayers (1958, p. 387; p. 397-398), apenas em um romance e em quatro contos de Machado de Assis aparecem personagens negros de uma importância pouco acima de secundária<sup>1</sup>. O espaço predominante na narrativa machadiana é o ambiente urbano do Rio de Janeiro e as personagens que nela desfilam são, em sua maioria, elementos pertencentes à camada dominante e aos estratos sociais médios (funcionários públicos, militares, advogados, jornalistas, pequenos e médios comerciantes, etc.). Sendo assim, o escravo não poderia aparecer senão como uma espécie de apêndice, e a referência a ele, em geral, é apenas incidental. É como se o escravo fizesse parte naturalmente das coisas que compõem o ambiente familiar (a criadagem doméstica, os condutores de sege) e urbano do Rio de Janeiro (os escravos de ganho, os carregadores, etc.).

É o caso, por exemplo, da cena de *Dom Casmurro* em que, através da fala de Bentinho, fica-se sabendo da existência de escravos como algo que compunha o arranjo doméstico. Bentinho indica a existência de escravos quando faz a Escobar uma retrospectiva da história familiar, de sua origem rural e dos bens que sua família possuía:

Contei-lhe o que sabia da vida dela e de meu pai. Escobar escutava atento, perguntando mais, pedindo explicações das passagens omissas ou só escuras. Quando eu lhe disse que não me lembrava nada da roça, tão pequenino viera, contou-me duas ou três reminiscências dos seus três anos de idade, ainda agora frescas. E não contávamos voltar à roça?

- Não, agora não voltamos mais. Olha aquele preto que ali vai passando, é de lá. Tomás!

- Nhonhô!

Estávamos na horta da minha casa, e o preto andava em serviço; chegou-se a nós e esperou.

- É casado, disse eu para Escobar. Maria onde está?

Está socando milho, sim, senhor.

Você ainda se lembra da roça, Tomás?

- Lembra, sim, senhor.

- Bem, vá-se embora.

Mostrei outro, mais outro, e ainda outro, este Pedro, aquele José, aquele outro Damião...

- Todas as letras do alfabeto, interrompeu Escobar.

<sup>1</sup> O romance é *Iaiá Garcia*, considerada uma obra menor, da chamada fase romântica, e os contos são *Pai contra Mãe*, *O caso da vara*, *Mariana* e *Encher Tempo*. Este último não foi incluído na *Obra Completa* de Machado de Assis da Editora Nova Aguilar.

Com efeito, eram diferentes letras, e só então reparei nisto; apontei ainda outros escravos, alguns com os mesmos nomes, distinguindo-se por um apelido, ou da pessoa, como João Fulo, Maria Gorda, ou de nação como Pedro Benguela, Antônio Moçambique...

- E estão todos aqui em casa? Perguntou ele.

-Não, alguns andam ganhando na rua, outros estão alugados. Não era possível ter todos em casa. Nem são todos da roça; a maior parte ficou lá.

- O que me admira é que Dona Glória se acostumasse logo a viver em casa da cidade, onde tudo é apertado; a de lá é naturalmente grande.

- Não sei, mas parece. Mamãe tem outras casas maiores que esta; diz porém que há de morrer aqui. As outras estão alugadas. Algumas são bem grandes, como a da Rua da Quitanda (MACHADO DE ASSIS, 1985, vol. I, p. 899-900).<sup>2</sup>

Nota-se que Bentinho, singelamente, fala dos escravos da mesma maneira como fala das casas de propriedade de sua mãe; ou seja, temos aqui um exemplo da perfeita correspondência entre a prosa machadiana e a lógica jurídica da ordem escravocrata. À luz do direito civil de uma sociedade escravocrata, o escravo é equiparado a coisa. Um bem semovente.

Outra observação digna de nota é que a existência da escravidão não escandaliza a consciência nem de Bentinho nem de Escobar - e a narrativa nos sugere que não escandaliza nem mesmo o escravo, conforme se pode depreender do curto diálogo travado entre Bentinho e o escravo Tomás. Na fala dirigida por Bentinho a Tomás há um tom senhorial - "vá-se embora", diz imperativamente Bentinho ao escravo! —, combinado com certa benevolência paternalista, ao passo que da parte do escravo parece haver uma aceitação pacífica de sua condição. Ao chamado de seu amo, Tomás responde com um exclamativo e afetivo "Nhonhô!". Além disso, ao dizer que o escravo Tomás estava com a família desde os tempos da roça, o narrador deixa subentendida a lealdade do escravo para com seus senhores. Afinal, se fosse rebelde ou fujão, provavelmente teria sido vendido junto com a fazenda da família.

---

<sup>2</sup> Em nossa análise, utilizamos a Obra Completa de Machado publicada em 1985 pela Nova Aguilar Editores, em três volumes. Doravante, nas citações de Machado de Assis usaremos apenas as iniciais M.A, seguidas da indicação do volume e da página correspondente.

Outro índice da pacífica aceitação da escravidão pelas personagens machadianas é encontrado no final desse mesmo capítulo. O trecho é edificante! Encontrar-se com os escravos ou ter consciência de que parte da renda da família provinha deles (os escravos de ganho e os alugados) não produziam nenhum constrangimento moral nem em Bentinho nem em seu amigo Escobar. Antes, a alegria de Bentinho “acordava” a de Escobar e o céu se mostrava “tão azul, e o ar tão claro, que a natureza parecia rir também” com os dois amigos. A existência da escravidão diante de seus próprios olhos não impedia que a própria natureza risse com eles, num perfeito acordo do “interno com o externo”, situação de enleio tão grande que Escobar pôde expressar esse estado de alma com palavras “tão finas e altas” que deixaram Bentinho deveras comovido.

Se a presença de escravos não deixava sombria a alma dos dois amigos, tampouco o fato de possuir escravos desabonava a “beleza moral” de Dona Glória, a mãe de Bentinho, a qual, nas palavras de Escobar, era um “anjo dobrado”, pois sua beleza exterior era tão grande quanto sua beleza interior.

Outro exemplo desse tipo de tratamento dado pelo narrador à escravidão encontra-se mais adiante, no mesmo romance. Como é típico na narrativa machadiana, aqui novamente o escravo é apenas um acessório que aparece incidentalmente na cena. É o caso do escravo de Sancha, que figura na cena tão somente como portador da trágica notícia da morte por afogamento de Escobar (M.A, vol. I, p. 926). Para o narrador, o trágico nesse episódio é a morte de seu amigo Escobar, e não a escravidão, que na narrativa incorpora-se com muita naturalidade no cotidiano da população livre do Rio de Janeiro.

Da mesma forma que a escravidão, também o tráfico de escravos africanos comparece na narrativa apenas incidentalmente. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, no capítulo “Um episódio de 1814” (XXI), ao descrever o banquete oferecido pelo pai de Brás Cubas para festejar a queda de Napoleão Bonaparte,<sup>3</sup> o narrador introduz, com uma pitada de sutil ironia, a palestra de dois convidados que, em meio ao burburinho da festa, falavam animadamente e com muita naturalidade da próxima chegada ao Rio de Janeiro de um lote de 120 negros procedentes de Luanda. Eis a passagem:

---

<sup>3</sup> O pai tinha pretensões à fidalguia, daí seu ódio ao grande corso.

No intervalo das glosas, corria um burburinho alegre, um palavrear de estômagos satisfeitos; os olhos moles e úmidos, ou vivos e cálidos, espreguiçavam-se ou saltitavam de uma ponta à outra da mesa, atulhada de doces e frutas... De quando em quando um riso jovial, amplo, desabotoado, um riso de família, vinha quebrar a gravidade política do banquete. No meio do interesse grande e comum, agitavam-se também os pequenos e particulares. As moças falavam das modinhas que haviam de cantar ao cravo, e do minuete e do solo inglês; nem faltava matrona que promettesse bailar um oitavado compasso, só para mostrar como folgara nos seus bons tempos de criança. Um sujeito, ao pé de mim, dava a outra notícia recente dos negros novos, que estavam a vir, segundo cartas que recebera de Luanda, uma carta em que o sobrinho lhe dizia ter já negociado cerca de quarenta cabeças, e outra carta em que... Trazia-as justamente na algibeira, mas não as podia ler naquela ocasião. O que afiançava é que podíamos contar, só nessa viagem, uns cento e vinte negros, pelo menos.

- Trás... trás... trás fazia o Vilaça batendo com as mãos uma na outra. O rumor cassava de súbito, como um estacado de orquestra, e todos os olhos se voltavam para o glosador. (M. A., vol. I, p. 530).

### A COISIFICAÇÃO DO ESCRAVO

Ainda em *Memórias Póstumas*, encontramos outro exemplo de uma narrativa que coloca o escravo apenas como um acessório da organização doméstica e, como tal, visto com naturalidade. Ainda desta vez, o escravo não é fio da narrativa, mas apenas um figurante na cena. No trecho que vamos transcrever, o que o narrador quer mostrar é mais um episódio ilustrativo do caráter irascível do mimado menino Brás Cubas. O escravo comparece à cena tão somente como parte integrante do ambiente doméstico de uma família abastada:

Pedi em voz baixa o doce; enfim, bradei, berrei, bati com os pés. Meu pai, que seria capaz de me dar o sol, se Iho exigisse, chamou um escravo para me servir o doce. A tia Emerenciana arrancara-me da cadeira e entregara-me a uma escrava, não obstante meus gritos e repelões (M.A., vol. I, p. 530-531).

Encontramos ainda em *Memórias Póstumas* o exemplo mais expressivo desse procedimento narrativo de apresentar o escravo apenas

como figurante secundário, quase como pano de fundo, ou, no limite, simplesmente como **coisa**. Neste caso, o escravo integra a cena, mas praticamente destituído de suas características humanas. Isto se passa quando o defunto-narrador fala de seu retiro na Tijuca, logo após a morte de sua mãe. Diz o narrador que passara ali sete dias absolutamente “só” e “sem dizer palavra” – e levara consigo o moleque Prudêncio! Neste caso, o escravo Prudêncio é concebido pelo defunto-narrador como algo tão inanimado quanto os charutos, a espingarda, os livros e outros apetrechos que levara consigo como coisas necessárias ao seu retiro “solitário” (M.A., vol. I, p. 546-547).

Outro exemplo ilustrativo dessa **coisificação** do escravo é encontrado também em *Memórias Póstumas*, no capítulo *A herança*. Aqui, o eixo central da narrativa são as dissensões familiares na hora da partilha do espólio da família Cubas, e os escravos entram na discussão apenas na condição de mais um bem valioso a ser disputado entre Brás Cubas, de um lado, e sua irmã Sabina e o cunhado, de outro.

Em *Quincas Borba*, encontramos igualmente inúmeras ilustrações do procedimento machadiano de inserir a escravidão não como questão a ser discutida preferencialmente, mas apenas como um aspecto integrado à vida rotineira da sociedade. Tal como nos outros romances já mencionados, em *Quincas Borba* o escravo só aparece como um figurante secundário, mas, contraditoriamente, às vezes indispensável para compor a cena. Se nos outros exemplos até aqui citados o escravo pertence ao ambiente doméstico do meio urbano, neste o escravo comparece como figurante necessário para compor imagens da “roça”. Neste episódio, a cena se passava no meio urbano, mas a “roça” surgia nos devaneios da personagem Maria Benedita, tomada de tempos em tempos por uma crise de melancolia derivada de sua brusca mudança do meio rural para o meio urbano:

A roça vinha ter com ela, às vezes, em sonho ou simples devaneio. Depois dos primeiros saraus, quando voltava para casa, não eram as sensações da noite que lhe enchiam a alma, eram as saudades de Iguazu. Cresciam-lhes mais a certas horas do dia, quando a quietação da rua e da casa era completa. Então batia as asas para a varanda da velha casa, onde bebia café, ao pé da mãe; pensava na escravaria, nos móveis antigos, nas botinas e chinelas que lhe mandara o padrinho, um fazendeiro rico de São João d’EL Rei, — e que lá ficaram em casa (M.A., vol. I, p. 701).

Como se vê no fragmento acima, a “escravaria” aparece nas lembranças da personagem apenas como uma das peças que compunham a fazenda. Maria Benedita lembrava-se dos escravos da mesma forma que se recordava dos móveis antigos, da varanda e das chinelas; ou seja, a escravaria aparece simplesmente como parte das coisas, não como objeto de reflexão. Aliás, no trecho acima, a única coisa objeto de alguma explicação são as botinas e as chinelas, “que lhe mandara o padrinho, um fazendeiro rico”. Como algo que faz parte “naturalmente” da fazenda, a escravaria dispensa qualquer explicação ou comentário. Como das vezes anteriores, o escravo aparece somente como figurante passivo de uma cena, na qual o que o narrador quer descrever é o estado de alma de uma personagem, geralmente pertencente aos extratos médios ou superiores da sociedade. Como sempre, o escravo é figurante, não protagonista da cena.

Já que fazia parte da casa, da fazenda e das ruas, o escravo entra, de tempos em tempos, como peça indispensável para compor o cenário onde se desenrola a ação; peça indispensável, mas quase nunca posta em relevo. São partes inseparáveis das casas, das fazendas, das ruas, mas não constituem objeto de reflexão. Veja-se, por exemplo, a descrição de uma família que aparece no conto *Missã do Galo*: “A família era pequena, o escrivão, a mulher, a sogra e duas escravas. Costumes velhos. Às dez horas da noite toda a gente estava nos quartos; as dez e meia a casa dormia” (M.A., vol. II, p. 606).

Nessa mesma linha, veja-se o trecho abaixo de *Quincas Borba*: “A tia chamava-se D. Maria Augusta; tinha uma fazendola, alguns escravos e dívidas, que lhe deixara o marido, além de saudades” (M.A., vol. I, p. 696).

Da mesma forma que os escravos, os acontecimentos políticos que se ligam à emancipação aparecem na narrativa de Machado apenas de passagem, como se pode ver em *Quincas Borba*. Figuram ao lado de outros acontecimentos, não lhes sendo dado nenhum destaque. Ademais, esses acontecimentos não constituem o fio da narrativa; servem apenas para a marcação do tempo, isto é, como referências temporais que se ligam ao eixo central da narrativa. É o caso da menção à Lei dos Ingênuos. Ao lado de outros eventos públicos e privados, a Lei dos Ingênuos serve de referência para a contagem do prazo dado pelo diretor da casa de saúde para o restabelecimento de Rubião (M.A., vol. I, p. 803).

### ACOMODAÇÃO E CONFLITO

Não obstante, nem sempre o escravo entra na narrativa como algo coisificado ou apenas como um figurante passivo. Há inúmeras cenas em que o escravo, embora personagem secundário, figura como um ser ativo e possuidor de vontade própria. Nos episódios em que o escravo encarna um personagem dotado de vida e de vontade própria, age ora como um ser subserviente e resignado à sua condição, ora com astúcia para defender seus interesses, ora com rebeldia.

Neste sentido, a escravidão aparece na narrativa machadiana ora como uma relação quase idílica entre senhor e escravo, como no conto *Virgínius*, ora pacífica e naturalizada pelos personagens, como em algumas cenas de *Dom Casmurro*; ora ainda carregada de contradições, tensões, conflitos e desconfiança recíproca.

Um bom exemplo dessa última categoria é encontrado em *Memórias Póstumas*, na cena em que a bela e inescrupulosa Marcela, a amante de Brás Cubas durante exatamente “quinze meses e onze contos de reis”, guardava zelosamente suas joias numa caixinha chaveada, com temor de ser roubada por seus escravos.

É o caso, também, do receio manifestado por Brás Cubas de que sua relação adúltera com Virgília fosse denunciada, entre outros, pelos escravos domésticos de sua amante. Aqui, segundo o narrador, bisbilhotar a senhora e flagrá-la em adultério era um meio de a escravaria doméstica exercer uma espécie de vingança contra seus amos — e exatamente para evitar esse risco é que Brás Cubas arranja a “casinha da Gamboa” para abrigar seus encontros amorosos com Virgília. Como disse o narrador, espionar furtivamente a ama era uma forma de “desforra do fâmulos pela condição servil”.

Outro exemplo desse tipo de relação conflituosa podemos encontrar no conto *O Espelho*, no qual o narrador nos mostra que, às vezes, a subserviência do escravo é apenas aparente. Neste conto, a adulação dos escravos ao alferes é apenas um expediente de ocasião para despistar o desígnio da fuga, que de fato ocorrerá no dia seguinte.

### PAI CONTRA MÃE – UM CONFLITO NAS CAMADAS INFERIORES

Na narrativa machadiana, o exemplo mais desenvolvido das tensões e conflitos imanentes à escravidão é encontrado no magnífico conto *Pai contra Mãe*. Como diz o narrador nesse conto: “Há meio século,

os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada” (M.A, vol. II, p. 659).

Neste conto, um dos poucos em que Machado pôs a tensão entre senhores e escravos como fio da narrativa, o curioso é que o narrador, ironicamente, coloca-nos diante de um trágico conflito, não entre um senhor abastado e seus escravos, mas entre representantes de duas camadas sociais subalternas: de um lado uma escrava fugitiva, de outro um digno representante da difusa camada social formada por homens livres e pobres. Esse representante, inapto para diversos empregos que a sociedade reservava aos homens de sua condição social, resolvera entregar-se ao ofício de caçador de escravos fugidos, emprego que, em seu entendimento, paradoxalmente, mais se aproximava de uma profissão liberal. O narrador faz a seguinte caracterização desse emblemático personagem:

Tinha um defeito grave esse homem, não aguentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo. Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armazinho. A obrigação, porém, de atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho, e ao cabo de cinco ou seis semanas estava na rua por sua vontade. Fiel de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos. (...) Cândido das Neves perdera já seu ofício de entalhador, como abrira mão de outros muitos, melhores ou piores. Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda (M.A, vol. II, p. 660; 663).

Por essa descrição o narrador, ao contrário do que afirmavam abolicionistas como Joaquim Nabuco, deixa claro que Cândido das Neves tornou-se caçador de escravos por decisão própria, e não porque a escravidão lhe vedasse outras funções sociais.

Existem ainda outros aspectos desse conto que nos ensinam um pouco mais sobre a longevidade da escravidão no Brasil XIX. Cândido das Neves arrasta a escrava Arminda pelas ruas do Rio de Janeiro sem qualquer oposição. Os moradores ouvem o tumulto e abrem a janela para

decifrar o que está ocorrendo. Vendo que os gritos são de uma escrava recapturada, fecham as janelas e voltam à sua rotina. Nenhum estranhamento, nenhuma reação de quem quer que seja.

Outro aspecto a ser destacado nesse magnífico conto é que o único defeito que a sogra enxergava no ofício de Cândido das Neves era a instabilidade e os ganhos incertos. Nunca saiu de sua boca qualquer condenação à escravidão.

Assim, tudo nos leva a crer que, até meados do século XIX, a escravidão era preocupação de letrados ilustrados, não do homem comum. Este, conforme sugere o narrador de *Pai contra Mãe*, aceitava a escravidão com tranquila naturalidade.

### ADESÃO DO ESCRAVO AO UNIVERSO SENHORIAL

Ainda há outros aspectos e outras facetas da escravidão a observar na narrativa machadiana. Esta é reveladora, também, da adesão do escravo ao mundo senhorial.

Uma ilustração do que colocamos acima encontramos num episódio do romance *Esau e Jacó*, no qual o narrador deixa explícito não só que a convivência entre senhores e escravos nem sempre era conflituosa, mas também que os fâmulos, apesar de sua condição, sentiam e valoravam o mundo a partir da ótica de seus amos. Quando o banqueiro Santos, depois de uma longa e dolorosa espera, finalmente foi agraciado pelo imperador com o título de barão, a alegria contagiou toda a casa, inclusive a escravaria doméstica. Eis como o narrador descreve a cena:

E os rapazes saíram a espalhar a notícia pela casa. Os criados ficaram felizes com a mudança dos amos. Os próprios escravos pareciam receber uma parcela da liberdade e condecoravam-se com ela: "Nhã Baronesa!" exclamavam saltando. E João puxava Maria, batendo castanholas com os dedos: "Gente, que é esta crioula? Sou escrava de Nhã Baronesa!" (M.A, vol. I, p. 975).

Exemplo mais expressivo ainda dessa adesão ideológica encontramos em *Memórias Póstumas*, paradoxalmente, no mesmo capítulo em que o narrador mostrara o escravo Prudêncio na condição de mero acessório, ainda que indispensável, para o retiro "solitário" de Brás Cubas após a morte da mãe deste.

Se na primeira parte desse capítulo (o XXV) o moleque Prudêncio era arrolado, em igual condição com o charuto, as espingardas e os livros,

no final ele reaparece não como personagem coisificada e passiva, mas como personagem que sente, raciocina e fala - em suma, humanizado. Em função do alheamento do senhor, tomado de uma profunda tristeza, é ele quem raciocina e, de acordo com as regras de convivência da "boa sociedade" carioca, orienta Brás Cubas a visitar Dona Eusébia, a vizinha recém-chegada, que fora amiga íntima de sua defunta mãe. Neste episódio, Prudêncio revela ter assumido integralmente o modo de ver da classe senhorial. Concretamente é um escravo, mas ao indicar ao absorto senhor o que, socialmente falando-se, era de bom tom fazer numa determinada circunstância social, defende as conveniências e as regras da sociabilidade da esfera social do senhor. Assim ele pensa e sente o mundo não como escravo, isto é, como um indivíduo de classe oposta à do senhor, mas como se fosse um elemento integrado à "boa sociedade".

Em outro capítulo de *Memórias Póstumas (O Vergalho)*, o mesmo Prudêncio reaparece como o mais acabado modelo de escravo cooptado pelo mundo do senhor; mas o que, desta vez, faz o narrador de *Memórias Póstumas* com o emblemático Prudêncio?

Se nas cenas anteriores Prudêncio aparece como escravo, aqui reencontramos esse personagem na condição de homem livre, premiado com a alforria pelo finado pai de Brás Cubas. A narrativa dá elementos para interpretarmos a alforria como resultado da adesão de Prudêncio às regras da ordem social em que vivia. Não questionou nem resistiu ao sistema social, mas adaptou-se à sua lógica e acabou beneficiado. Apesar de ter sido tratado como cavalgada pelo filho do senhor nas brincadeiras da infância, manteve a linha e a lealdade e, ao fim e ao cabo, recebeu a alforria do agradecido senhor.

Alforriado, eis que ironicamente o ex-escravo reaparece na narrativa não como um diligente homem livre que ganhava o pão vendendo o seu trabalho, mas como proprietário de escravo. Reaparece, além disso, como um senhor tirânico e impiedoso, que não se pejava de castigar cruelmente seu escravo em público.

### **O POBRE E O ESCRAVO NÃO SÃO MORALMENTE SUPERIORES**

Episódios e cenas como a descrita acima chamaram a nossa atenção para outra característica interessante da prosa machadiana. Nesta, o escravo ou o homem livre pobre não aparecem unguídos pelos santos óleos da pureza e bondade. A prosa machadiana passa longe do maniqueísmo, de modo que não há nem bons nem maus em seus

enredos, ou, quando os há, bondade ou maldade não constituem atributo exclusivo de uma determinada classe social.

Uma evidência disso é que o ex-escravo Prudêncio aparece na narrativa como alguém que é tão cruel com seu escravo quanto seu antigo senhor, enquanto o desqualificado e sofrido Cândido das Neves não vacila em reconduzir Arminda, a mulata fugitiva de *O Pai contra Mãe*, às cadeias da escravidão. Não obstante - e isto constitui mais um indicador da riqueza e complexidade da obra de Machado de Assis - o narrador não é tão injusto a ponto de descrever seja Prudêncio, seja Cândido das Neves como monstros, isto é, como personalidades deformadas que se comprazessem com a dor alheia. Este seria o caso do sádico Fortunato, de *A causa secreta*, que costumava dispensar zelosos cuidados aos moribundos apenas para ter o prazer de presenciar o sofrimento e a morte.

Candinho, sobretudo, é descrito como alguém que gostava de “patuscadas” e era capaz de se enternecer ante a figura do filho. Casara por amor, era bom marido e terno pai. Apesar, porém, de todas essas características que merecem simpatia, Candinho não titubeou em fazer ouvidos moucos aos desesperados apelos de Arminda para que a deixasse em liberdade. Candinho horrorizava-se ante a ideia de separar-se do filho tão querido, mas ficou absolutamente impassível diante da morte prematura — antes mesmo de nascer — do filho de Arminda.

Destarte, para o narrador, o fato de os indivíduos serem escravos ou pertencerem à difusa categoria de homens livres e pobres da sociedade do século XIX não lhes atribui nenhum caráter de bondade imanente à sua condição social.

Como se vê pelo que foi exposto até aqui, não há linearidade na narrativa machadiana no que diz respeito à presença do escravo: ora o narrador apresenta o escravo como um apêndice doméstico das casas senhoriais, ora como alguém subserviente e resignado; ora rebelde e fujão; ora como vítima, ora como algoz de sua própria classe.

Por outro lado, no que diz respeito à instituição escravidão, ora ela pode ser vista como uma relação mais ou menos patriarcal e harmoniosa, ora como relação carregada de contradições e conflitos, o que pressupõe o uso da força e da violência como condição para manter intacta a instituição.

### CABRIOLAS NARRATIVAS, AMBIGUIDADES E AS MÚLTIPAS FACES DA ESCRAVIDÃO

Do que foi exposto, poder-se-ia pensar, à primeira vista, que essa inconstância do narrador seria produto da própria evolução do autor no que tange à sua forma de encarar a escravidão, dado que um conto em que a escravidão aparece como patriarcal, como *Virgínius*, data de 1864, enquanto *Pai contra Mãe*, cuja narrativa chama a atenção para os aspectos grotescos e cruéis da escravidão, data de 1905.

Em que pese a isso, a própria narrativa nos dá elementos para suspeitar que essa volubilidade no tratamento da escravidão não pode ser atribuída apenas à evolução do autor; senão, como explicar que, num mesmo romance, como *Memórias Póstumas*, um trabalho da maturidade de Machado, a escravidão ora é referida com indiferença, ora pintada com cores suaves, ora com tintas negras? Nesse romance, Prudêncio é a própria encarnação dessas diferentes faces da escravidão. Servira de cavalgadura para o travesso menino Brás Cubas, que lhe punha freios na boca e fustigava-o com uma varinha, mas, ao fim, é premiado com a alforria, num ato de bondade do pai de Brás Cubas. Depois o mesmo Prudêncio reaparece, já liberto e na qualidade de proprietário de escravo, aplicando neste violentas chibatadas. No episódio de *O vergalho* aparecem simultaneamente as duas faces da escravidão, já que ao comportamento cruel do liberto Prudêncio contra seu escravo opõe-se a benevolência de Brás Cubas, que pediu ao ex-escravo que cessasse o castigo. O pedido foi prontamente atendido.

Também no conto *Mariana* — o de 1891, já que há dois contos com este mesmo título — a escravidão aparece contraditória e multifacetada. O tratamento paternalista dispensado a Mariana, uma cria de casa, que inclusive recebe uma educação semelhante à dispensada às filhas da ama — chegando a aprender francês e outras prendas típicas das jovens de classe dominante da época —, é uma das faces da escravidão. Como dizia o narrador, com uma pitada de ironia, a bonita e faceira mulata era considerada **quase** como um membro da família — “apenas não se sentava à mesa, nem vinha à sala em ocasião de visita” (M.A., vol.II, p. 773). No mais, “era como se fosse pessoa livre” e até as irmãs da personagem central “tinham certa afeição fraternal” por ela. Eis aí uma situação em que o autor nos mostra uma face suave da escravidão. Não há tratamento cruel; antes, o que prevalece é uma relação de afeição recíproca entre a escrava e os amos.

Não obstante, exatamente por ter vivacidade, espírito e educação refinada é que a tragédia se abate sobre a escrava, e aí se começa a ver na narrativa a outra face da escravidão. A forma como fora criada e a educação que recebera incute na personagem certas expectativas de vida que são incompatíveis com a sua condição de escrava. Para os bondosos patrões era natural que, no amor, Mariana se inclinasse por um copeiro ou cocheiro da casa, mas o coração da escrava inclina-se para o filho da ama. Durante certo tempo a jovem guardou para si essa inclinação amorosa, mas o anúncio do casamento do rapaz com outra moça (esta sim, filha dileta do estrato senhorial) dá-lhe consciência do abismo que os separava. O anúncio das bodas conduz ao desenlace do drama, que termina no suicídio de Mariana. Ironicamente, porém, não só Mariana é vítima nessa tragédia. O próprio rapaz experimenta o dissabor do rompimento com a noiva. Esta se recusa a casar por suspeitar que os cuidados dispensados pelo noivo a Mariana e a dor que experimentara depois do suicídio significassem mais que uma simples compaixão.<sup>4</sup>

Assim, para o narrador, a escravidão não é uma instituição de uma única face. Não há, como já se disse, linearidade na forma como o escravo comparece à narrativa. Neste sentido, quem quisesse fazer um juízo de valor sobre a escravidão a partir da prosa machadiana estaria diante de uma imensa dificuldade; ou, então, essa prosa poderia servir tanto a Deus quanto ao diabo. Em outras palavras, quem procurasse imagens e situações para mostrar os aspectos suaves da escravidão, encontraria vários trechos que poderiam ser pinçados aqui e ali na obra de Machado de Assis. Por outro lado, quem quisesse abonações para mostrar exatamente o contrário, também encontraria ali um material mais do que suficiente.

Há, por conseguinte, certa dubiedade na narrativa machadiana a respeito da escravidão. Tal como a ideia do emplasto no cérebro de Brás Cubas, também o narrador faz verdadeiras cabriolas quando trata da escravidão. Esta, ao invés de linear, apresenta-se contraditória e multifacetada.

---

<sup>4</sup> Como é de seu estilo, o narrador conclui o conto de uma forma irônica e sarcástica. Terminada a narração de Coutinho sobre a tragédia de *Mariana*, o próprio personagem-narrador e seus ouvintes experimentam uma sensação de tristeza, mas esse estado de espírito dura pouco. Logo a seguir, o narrador da história e seus ouvintes, todos filhos diletos de famílias ilustres e abastadas, retomam o ritmo normal de vida e saem a passear alegremente pela rua do Ouvidor, “examinando os pés das damas que desciam dos carros, e fazendo a esse respeito mil reflexões mais ou menos engraçadas e oportunas.” (M.A., vol. II, p. 783).

Do que foi exposto, que conclusão se pode tirar? Incoerência ou inconsistência do autor? Evolução na forma de encarar a instituição servil? Nossa hipótese é que não se trata nem de uma coisa nem de outra, mas apenas de fidelidade do autor à complexidade do processo social. Como diria o conselheiro Aires em *Esau e Jacó*, “o mundo e a vida não são outra coisa” que uma eterna contradição (M.A, vol. I, p. 1057).

Feitas essas considerações, passaremos a discutir o procedimento de Machado de Assis que até aqui procuramos demonstrar, ou seja, a presença apenas episódica da escravidão em sua obra. A pergunta que ficou de nossa leitura foi a seguinte: por que um escritor de tantos recursos e de tamanha capacidade de penetração nos meandros da vida social foi tão parcimonioso em relação à escravidão?

Isto é tanto mais estranho quando se sabe que a transição do trabalho escravo para o trabalho livre foi um dos problemas que mais atormentaram a intelectualidade, a classe dominante e as elites dirigentes do país na segunda metade do século XIX. Nas palavras de um escritor daquele século, economistas, filósofos e políticos “estorciam-se” e “vacilavam” diante da questão da escravatura e da necessidade de sua abolição (SILVA NETO 1976); e Machado de Assis nasceu e viveu a maior parte de sua vida em convívio com a escravidão e com as discussões que conduziram à sua gradual extinção no Brasil.

Por outro lado, as biografias do escritor sempre dão relevo ao fato de ele ser mulato, filho de pai negro casado com mulher branca de origem açoriana. Todos os estudos biográficos falam dessa estranha combinação de um bisneto de escravos, pelo lado paterno, com um grande escritor em cuja obra os negros receberam tão poucas atenções.

Sabe-se que, enquanto crítico literário, Machado de Assis não poupou elogios a obras literárias nacionais ou estrangeiras de cunho antiescravista, nas quais personagens negras foram tratadas em tom positivo e com simpatia; entretanto, como já observou um estudioso da questão do negro na literatura brasileira, com exceção de Raimundo, de *Iaiá Garcia*, não há na narrativa machadiana exemplos de outras personagens de condição escrava ou simplesmente negras ou mulatas pintadas como uma espécie de modelo pelo escritor.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> “Esse africano (Raimundo, de *Iaiá Garcia*) pode ser considerado como o tributo de Machado de Assis ao negro e como o mais completo estudo que poderia ter feito de um membro dessa raça, nos limites estabelecidos pelo tema, dentro da vida das classes superiores do Rio de Janeiro. Ele é o contrário dos heróis machadianos - do ingênuo Dom Casmurro, do vasano Rubião, do egoísta Brás Cubas - pois representa uma sadia

Antes, pelo contrário, um personagem negro que reaparece com certo destaque num de seus grandes romances, o Prudêncio de *Memórias Póstumas*, como já se disse linhas atrás, não merece nenhuma simpatia do leitor. Trata-se de um indivíduo subserviente e ao mesmo tempo tirânico: quando menino, suportara resignado ser usado como cavalgadura pelo filho do amo; quando adulto, já liberto, compra um escravo e devolve as pancadas que recebera na infância. Em resumo, o fato de ser negro e oprimido não lhe atribui nenhuma característica de superioridade moral em relação a seus antigos senhores. Tal como eles, é calculista, manhoso, egoísta, tirânico e vingativo. Aliás, no episódio de *O vergalho*, o único a ter compaixão é o antigo senhor de Prudêncio, e este deixa de chicotear o seu escravo apenas para, mais uma vez, atender à vontade de seu antigo algoz. Assim, é impossível sentir qualquer simpatia por uma personagem negra que se mostra subserviente aos poderosos e tirano implacável em relação a quem está embaixo na escala social.

### CRÍTICAS CONTEMPORÂNEAS AO NÃO ENGAJAMENTO DE MACHADO NA LUTA ABOLICIONISTA

Evidentemente, essa forma de Machado de Assis tratar a escravidão não deixou de ser notada, com muita indignação, pelo abolicionista José do Patrocínio, para quem Machado era odiado porque era “mau”, e era mau porque odiava a “sua raça, sua pátria e o seu povo”, ficando alheio e indiferente quando as “próprias pedras pareciam erguer-se da sua inércia” para gritar e vibrar no clamor da luta abolicionista. Para Patrocínio, a pena de Machado, ao invés de ser colocada a serviço da causa abolicionista, destilava “fel e veneno” e “todas as serpentes reunidas da astúcia, da hipocrisia e da revolta contra sua cor e a sua progênie aninhavam-se-lhe no coração” (Apud MURAT, 1926).

É preciso registrar, não obstante, que nem todos os abolicionistas comungavam dessa opinião formulada a respeito de Machado de Assis por Patrocínio. Conforme se pode verificar no epistolário machadiano, eram ternas e afetuosas as relações entre o grande romancista e Joaquim Nabuco, outro grande representante da causa abolicionista.

Exageros à parte, é significativa a reação indignada de Patrocínio; entretanto, para relativizar o tom acre de sua reação, é preciso dizer que Machado, se não beatificou a figura do negro em sua narrativa, também

---

quando não instintiva aceitação da vida, com seus requisitos necessários de honestidade, integridade e bom-senso nas relações humanas” (SAYERS, 1958, p. 398).

não o pintou com ódio e nunca aceitou as teses racistas, tão em voga no final do século XIX e início do século XX, que colocavam o negro na condição de raça inferior. Se Prudêncio, por exemplo, aparece na narrativa de forma tão pouco simpática, é preciso ressaltar que o narrador não responsabiliza nem o indivíduo nem a “raça” negra pelo comportamento do liberto que chicoteava seu escravo, mas sugere ao leitor que tal comportamento deriva, em última instância, da própria dinâmica social e do substrato cultural que lhe corresponde. Apesar da ironia contida no trecho de *Memórias Póstumas* onde se descreve o caráter de Cotrim, pensamos que se pode aplicar à situação narrada no capítulo *O Vergalho* o mesmo que o narrador disse a propósito do comportamento cruel de Cotrim em relação a seus escravos: “não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais” (M.A, vol. I, p. 620).

Por outro lado, cabe observar que Machado, se não pôs a sua pena a serviço da causa abolicionista nem fez a apologia do negro ou do mulato como arquétipos da regeneração da sociedade e de afirmação da nacionalidade, também não a colocou à disposição dos interesses escravocratas. Por outro lado, se as ressalvas feitas acima relativizam o juízo demasiado severo e apaixonado de Patrocínio, ainda assim permanece a interrogação a respeito das motivações de Machado de Assis sobre a escravidão. A postura de Machado de Assis não incomodou apenas José do Patrocínio. Outro importante estudioso das letras nacionais também se queixou bastante da suposta indiferença do grande escritor:

Estranha figura! Vive 70 anos, no Rio de Janeiro, do Ministério para a Garnier e o retiro das Águas Férreas, sem curiosidades alheias à sua arte. Não deseja ir à Europa, que é a pátria de seu espírito...desconhece São Paulo e os aspectos da nossa vida rural, as possibilidades do nosso desenvolvimento e civilização. Dir-se-ia que fora dos livros e do mundo das ideias, nada existe para ele, e que pouco importam nossas cousas, os problemas da nossa vida. Fecha-se dentro de sua arte, surdo ao rumor do mundo. Que pensaria Machado de Assis da República?, perguntou Eça uma vez. Que pensaria do Império, da Abolição, de Canudos, da Revolta de Setembro? Ninguém sabe; em seus livros há reminiscências da escravidão, mas reminiscências tranquilas de artista, que apenas contempla os fenômenos sociais e não os aplaude nem os condena. (...) Há sempre no mais pacífico e abstrato dos homens uma ideia de natureza política, um programa íntimo de reformas, uma

revolta contra os erros e a perversidade dos poderosos e dos ricos e um vago desejo de consertar a ordem das cousas. De Machado não se sabe nada. Atravessa os períodos mais agitados da nossa vida pública, é testemunha de todos os erros e crimes, sem que se lhe ouça uma palavra de aplauso ou condenação (BELO, 1935, p. 31-32).

Há ainda outro testemunho contemporâneo da “insensibilidade” de Machado de Assis. O depoimento é de João Ribeiro, que mantivera relações próximas com Machado de Assis e dele se declarava admirador. O registro foi feito por Evaristo de Moraes, no livro *A Campanha Abolicionista*:

A sua insensibilidade pela dor humana, é absoluta; o seu egoísmo é sem limites. O interesse de Machado de Assis pelas naturezas fracas, espontâneas e imbecis, é inteiramente falso. Nunca o teve. No sentido da caridade ele é um anticristão. O que ele quase aconselha ou pelo menos admira nos pobres ou nos infelizes, é a perfídia ou as pequenas canalhices da desforra. A pequenez de alma é o característico de quase todos os seus heróis. Tinha Machado aversão da política, de todas as seções grandiosas; não se interessou jamais por nenhuma das nossas grandes causas, foi dura e rigidamente indiferente às nossas grandes agitações como as da guerra, da abolição e da República, que foram do seu e do nosso tempo. O entusiasmo era para ele mais repugnante que o crime (Apud MORAES, 1986, p. 402).

Com efeito, a postura de Machado de Assis é tanto mais intrigante quanto se considera a sua origem social e o tempo em que viveu. Por que ele foi tão parcimonioso no tratamento da escravidão e aparentemente tão indiferente à causa abolicionista, se, além de ter vivido e escrito grande parte de sua obra em meio às apaixonadas discussões relativas à transição do trabalho escravo para o trabalho livre, possuía ascendência negra? Da mesma forma, por que, quando o negro é posto na narrativa, ele quase sempre é apresentado como mero figurante ou de forma que não desperta qualquer simpatia do leitor, como é o caso de Prudêncio?

### CETICISMO E DISTANCIAMENTO DE MACHADO DE ASSIS

Será que se pode falar de alheamento ou indiferença de Machado em relação ao tormentoso problema da escravidão e da abolição? Talvez o mais correto fosse falar de certo distanciamento, e, parece-nos, é exatamente esse distanciamento que torna a obra machadiana extremamente interessante para se aprofundar a compreensão desse fenômeno histórico, apesar da parcimônia com que ela tratou da questão.

Pode-se ainda perguntar: por que esse distanciamento? Trata-se de uma questão extremamente difícil e até hoje polêmica. Muito já se tem escrito sobre Machado de Assis e, sob pena de repetir no todo ou em parte o que muitos críticos literários já escreveram, vamos tentar alinhar alguns comentários, derivados de nossas impressões de leitura da obra de Machado de Assis.

Pelo que pudemos perceber na leitura dos contos, crônicas e dos últimos romances de Machado, a partir de *Memórias Póstumas* há um veio pessimista que contagia a narrativa machadiana, mas trata-se de um pessimismo sutil e não apaixonado, o que permite o narrador observar e descrever o mundo circundante numa postura quase olímpica. Em nosso modo de entender, é essa visão mais ou menos distanciada do fervor e da luta de interesses em que se agitava a sociedade, que confere riqueza e profundidade à narrativa machadiana.

Neste sentido, não é destituído de significado o fato de *Memórias Póstumas* ser narrado, como o próprio título já sugere, por um defunto. No capítulo "Curto mas alegre", o narrador-defunto explica por que pôde tratar de todos os assuntos com absoluta liberdade, revelando inclusive as suas levandades e as alheias com uma sinceridade absolutamente impensável no mundo dos vivos:

Talvez espante ao leitor a franqueza com que exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, e a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz a consciência; e o melhor da obrigação é quando, a força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício hediondo. Mas, na morte, que diferença! Que desabafo! Que liberdade! Como a gente pode sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lantejoulas, despregar-se, despintar-se,

desafeitar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser! Porque, em suma, já não há vizinhos, nem amigos, nem inimigos, nem conhecidos, nem estranhos; não há plateia. O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte... Senhores vivos não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados (M.A, vol. I, p. 545-546).

Observe-se, a propósito, que não é gratuito também o fato de *Dom Casmurro* ser narrado pelo próprio Bentinho no momento em que ele próprio já se tornara casmurro, isto é, quando se transformara, pelas desilusões da vida, numa espécie de misantropo e, como tal, via o mundo com certo azedume e distanciamento; ou seja, o narrador faz reflexões e descrições do mundo num momento em que a volúpia da vida e o tumulto das paixões haviam sido substituídos em seu espírito pela melancolia e desilusão.

Algo semelhante, porém sem o azedume e a misantropia de *Dom Casmurro*, ocorre em *Memorial de Aires*, cujo narrador é um velho diplomata aposentado que vê o mundo circundante mais ou menos olímpicamente, com os olhos de quem já experimentara e se fartara de quase tudo.

Em nossa leitura, não se trata de alheamento ou de indiferença de Machado de Assis em relação ao mundo que o cerca, tampouco de uma falta de posicionamento ante os problemas que agitavam os homens de sua época.

A impressão que temos é que não há rigorosamente uma abstenção do escritor, mas sim, falta de entusiasmo em relação ao mundo que o cercava. Não só falta de entusiasmo em relação ao mundo presente e circundante, mas sobretudo ceticismo quanto ao futuro, sem, contudo, fazer a apologia do passado. Daí, talvez, sua famosa veia satírica, mordaz e refinadamente irônica.

À sua moda, Machado não deixou de se posicionar diante do meio social que o rodeava; afinal, descrever o meio em que se vive através de sátira, do escárnio, do sarcasmo, da fina ironia e do humor sutil e às vezes cáustico não deixa de ser uma forma de firmar uma posição - portanto, o distanciamento não significa, necessariamente, indiferença.

Neste sentido, é preciso repetir que, se Machado não beatificou a figura do escravo e não cantou a grandeza da luta abolicionista, tampouco pintou com cores benévolas a vida de seus grandes personagens. Quem

são estes? Quase sempre são membros enfastiados ou frívolos da classe dominante tradicional, pertencentes à “boa sociedade” da corte. Brás Cubas é o exemplo típico dessa classe dominante entediada e sem grandeza. Outros personagens machadianos importantes são arrivistas inescrupulosos, como Sofia e Cristiano Palha, de *Quincas Borba*, ou o banqueiro Santos, de *Esau e Jacó*, que se enriqueceram no último quartel do século XIX por meio do tráfico de influência, da especulação mercantil inescrupulosa ou através de favores políticos (os famosos fornecimentos obtidos por Brás Cubas, quando deputado, para o seu cunhado Cotrim). Em sua narrativa, Machado não pinta a grandeza dessa classe dominante; antes, descreve com minúcias o seu egoísmo, a sua hipocrisia, as suas misérias morais e seus mesquinhos projetos de vida.

O curioso é que, na narrativa machadiana, os membros das classes subalternas não atingem elevação moral porque vivem atazanados pela miséria material e pela necessidade, mas a posse da riqueza e o acesso à cultura não garantem a grandeza dos eleitos daquela sociedade.

Neste sentido, não deixa de ser expressivo o trecho em que o narrador-defunto de *Memórias Póstumas* diz que, “prestes a deixar o mundo, sentia um prazer satânico em mofar dele”, em persuadir-se de “que não deixava nada”. Como dizia Pandora no delírio de Brás Cubas, não havia outro flagelo mais terrível para o homem que o simples fato de viver. “A minha inimizade não mata e é sobretudo pela vida que ela se afirma”, dizia Pandora ao moribundo Brás Cubas. E arrematava: “Vives, não quero outro flagelo” (M.A, vol. I, p. 519).

Aqui manifesta-se com toda a força o pessimismo de Machado de Assis. Em sua concepção, não há a utopia de um mundo melhor. A única realidade possível é a eterna luta pela vida. Viver, conforme dizia Pandora ou a natureza no delírio agonizante de Brás Cubas, significava devorar e ser devorado. Foi o que fez Cândido Neves com Arminda, cujo aborto foi o preço pago pela conservação do filho de seu algoz; foi o que fez Cristiano Palha em relação a Rubião.

Por outro lado, mesmo aqueles que, favorecidos pelo nascimento, como Brás Cubas, cujo pai deixara uma considerável fortuna que lhe garantia uma subsistência tranquila e respeitável, não experimentaram em suas vidas senão a “volúpia do aborrecimento, uma das sensações mais sutis daquele mundo e daquele tempo.” (M.A, vol I, p. 546).

Em suma, as personagens que desfilam na narrativa de Machado, ou vivem enfastiados e no tédio — principalmente aqueles cujo nascimento privilegiado não os obrigou a fazer piruetas para alcançar a

riqueza, como Brás Cubas, que confessa sem reboços ter “quarenta e tantos anos, tão vadios e tão vazios” —, ou são *parvenus* grosseiros e inescrupulosos, ou então são representantes das classes subalternas (escravos ou livres) que, vivendo sob o império da necessidade e afogados na miséria, são incapazes de atingir elevação e grandeza moral.

Se o narrador-defunto de *Memórias Póstumas* confessava que nada sentia ao deixar o mundo, pergunta em outra parte para que Dona Plácida, a medianeira de seus amores ilegítimos com Virgília, viera a esse mesmo mundo. Ele mesmo responde: fruto da união de um sacristão da Sé com uma anônima doceira, Dona Plácida fora chamada ao mundo para

queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer ou sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama e no hospital... (M.A, Vol. I, p. 586).

Assim, esmagada pela roda social e dilacerada pela miséria, Dona Plácida, para quem a união adúltera de Brás Cubas com Virgília causava certo “nojo” moral, acaba tendo sua consciência comprada por um pecúlio de cinco contos de réis e algumas pratinhas mais que Brás deixava-lhe de tempos em tempos “na algibeira do vestido”.

O abastado Brás Cubas confessa sem constrangimento algum que a “vida era para ele a pior das fadigas, que é a fadiga sem trabalho” (M.A, vol. I, p. 637); todavia, se a faculdade de não precisar trabalhar não lhe emprestava nobreza de alma nem outorgava um sentido elevado à sua vida, tampouco o excesso de trabalho conferia qualquer nobreza moral a Dona Plácida. Em suma, para o sarcástico narrador, nem o ócio nem a sua antítese, o trabalho, enobreciam o homem. O ócio conduzia inevitavelmente ao tédio e ao sentimento de inutilidade da vida, enquanto o trabalho não se mostrava capaz de redimir os pobres de sua miséria nem de torná-los imunes à corrupção, como é o caso de Dona Plácida.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que foi exposto, talvez a falta de uma perspectiva histórica de futuro seja uma hipótese a ser considerada para o entendimento da posição de Machado de Assis. Nossa hipótese é que o grande prosador não era um entusiasta da ordem social burguesa, mas tampouco era atraído pela perspectiva socialista. Se por um lado não se identificou com

a burguesia, por outro não vislumbrou nenhuma outra classe ou estrato social como força historicamente positiva, isto é, como uma classe capaz, pelas suas virtudes, de regenerar a sociedade.

Se a sociedade burguesa já não lhe despertava o entusiasmo, tampouco o atria a perspectiva socialista. Coloca-se, assim, numa posição quase fatalista, isto é, deve-se aceitar a sociedade tal como ela é, já que não há perspectiva de outra melhor.

Por outro lado, a narrativa nos dá elementos para pensar que esse fatalismo não implica em conformismo puro e simples, tampouco em justificação apologética da ordem social. Parece-nos que se trata de algo que, se o impede de filiar-se às grandes correntes político-filosóficas de seu tempo, não lhe tolhe o caminho no sentido de transformar-se num crítico impiedoso e mordaz da sociedade em que vive e do seu tempo.

Assim sendo, já que não tinha compromisso com esta ou aquela classe, com esta ou aquela forma social, sua pena não poupava nenhuma delas, nem a mais respeitável em função da posse da riqueza e das posições de mando na sociedade, nem aquelas dignas de comiseração, como os estratos sociais inferiores. Se a forma crua, irônica e sarcástica predominou quando traçou o perfil dos representantes dos estratos médios ou superiores da sociedade, o narrador não foi menos severo em suas pinceladas quando fez o retrato dos estratos sociais inferiores, conforme se pode ver na caracterização de personagens como Prudêncio, Cândido Neves, Dona Plácida ou o anônimo carteiro que se casou com Dona Plácida apenas para pôr as mãos no seu pecúlio de cinco contos e fugir com eles, deixando-a velha e desamparada.

Assim, insatisfeito em relação ao mundo que o rodeava e cético quanto ao futuro, Machado teve por isso o distanciamento necessário para lançar sua pena ferina contra tudo e contra todos, e assim pôde falar com independência e liberdade de tudo e de todos, contribuindo para revelar as misérias humanas de sua época. Sua ironia e seu sarcasmo aproximam-no, às vezes, de Voltaire, mas enquanto este lançava suas farpas contra o feudalismo e se mostrava um entusiasta da forma burguesa que ainda lutava para se tornar hegemônica, Machado mostra pouco entusiasmo em relação à ordem burguesa, sem, contudo, fazer a exaltação seja do passado, seja de uma forma social nova. Enquanto estilo, aproxima-se de Voltaire, mas enquanto forma de sentir o mundo, identificar-se-ia mais com o ceticismo de Swift.

Por conseguinte, assim como as personagens representativas da sociedade são desnudadas em sua miséria e mesquinhez, os grandes

“sistemas” político-filosóficos também não escapam de sua pena cortante. Nem mesmo a sacrossanta ciência, tão decantada no final do século XIX, teve melhor sorte em sua narrativa. Também a ciência foi tratada de uma forma irreverente e às vezes cômica, como se pode ver nos contos *O alienista*, *Ex-Cathedra*, *Academias de Sião*, *A Sereníssima República*, *Conto Alexandrino*, etc.

Feitas essas considerações sobre o posicionamento de Machado de Assis a respeito das grandes correntes políticas de sua época, pensamos que podemos voltar à questão da sua posição sobre a escravidão e sobre a transição para o trabalho livre, caracterizada, como já dissemos, por um relativo distanciamento.

Para Machado, a escravidão poderia não ser boa - e ele não deixou de mostrar, ainda que sutil ou ironicamente, os aspectos cruéis e grotescos da escravidão - mas foi uma instituição como tantas outras criadas pelos homens e, como tal, respondia a alguma necessidade ou capricho da “volúvel história”; no entanto, se ela não foi boa e nem todos gostavam dela, a sua superação necessariamente não significaria a redenção da humanidade, como acreditavam os abolicionistas. Na medida em que não concebia como possível um sociedade sem classes, o advento do trabalho livre não significaria apenas a continuação da “eterna e imutável luta pela vida” numa nova forma? (M.A, vol. III, p. 432).

Por outro lado, por que entusiasmar-se com a abolição? Se para os abolicionistas a superação da escravidão era a panaceia para o país, para Machado o mundo do trabalho livre não poderia significar a multiplicação das Donas Plácidas e dos Cândidos das Neves?

#### REFERÊNCIAS

- BELO, José Maria. *Inteligência do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.
- MACHADO DE ASSIS. *Obras Completas*. 3 v. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1985.
- SAYERS, Raymond S. *O Negro na Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958.
- MORAES, Evaristo de. *A campanha abolicionista (1879-1888)*. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.
- MURAT, Luiz. Machado de Assis e Joaquim Nabuco. *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, v. XXI, n. 54, jun. 1926.

SILVA NETO, A. Estudos sobre a emancipação dos escravos. In: MALHEIRO, Agostinho M. Perdigão. *A Escravidão no Brasil*. Petrópolis/Brasília: Vozes/INL, 1976.